

PALCO

JUIZ DE FORA, DEZEMBRO, 2011. ANO IV. Nº 23

BIBLIOTECAS HERANÇAS LITERÁRIAS

"A J. Guimarães Vieira, amigo dos tempos em que se fazia amigos, com admiração antiga e muita compreensão. Cosette de Alencar. Setembro de 1971." A dedicatória, presente no livro *Giroflê Giroflá* – única obra publicada por Cosette –, revela uma aproximação que, constituída por laços afetivos entre a escritora e o artista plástico conhecido como Guima, ganhou o espaço físico na Biblioteca do Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM). Entre documentos, recortes de jornais e revistas, além de milhares de livros, é possível conhecer nomes importantes da história de Juiz de Fora, bem como a própria memória da cidade. Acessíveis ao público estão as bibliotecas *Guima*, de João Guimarães Vieira; *Arcuri*, do professor e arquiteto Arthur Arcuri; *Alencar*, dos escritores Gilberto e Cosette de Alencar; *Poliedro*, que reúne diversos títulos relevantes para a cidade e para

de nome, autoria e data, impressas em tinta negra e delimitadas por um delicado fio de mesma cor. O zelo demonstra sua paixão pelas palavras. Doada em 2008 por familiares, a biblioteca também conta com obras da filha Cosette de Alencar, tradutora e escritora. Diversificada em temas, a coleção oferece numerosas publicações francesas, dentre os 1.598 títulos já processados e disponíveis à consulta.

Reconhecida colaboradora de jornais locais, Cosette publicou durante alguns anos da década de 60 na coluna "Rodapé Dominical" do *Diário Mercantil*. Habilmente organizadas pela autora, as publicações se somam às correspondências trocadas com intelectuais de renome nacional e integram o acervo que ainda dispõe dos manuscritos de obras de Gilberto, como o romance *Reconquista*, de 1945. "Quando encontrei o acervo de Gilberto e Cosette de Alen-



Biblioteca particular da escritora Cosette de Alencar

NESTA EDIÇÃO

OS ANOS 40
RACHEL JARDIM

CORAL
45 ANOS

DIÁLOGOS ABERTOS
VERA FARIA

LUGAR DE HONRA
ANTÔNIO PARREIRAS

PRAÇA DA ESTAÇÃO
ENCONTRO COM O
TEMPO

CENTRAL
CENÁRIO DE CINEMA

DA VINCI
O CLÁSSICO E O
CONTEMPORÂNEO



o acervo de Murilo Mendes; além da biblioteca pessoal do poeta que dá nome ao museu.

Bibliófilo, segundo o dicionário, é o indivíduo que tem amor aos livros, especialmente os belos e raros. Um dos maiores colecionadores de livros do país, José Mindlin corrobora o verbete em seu *ex-libris* – expressão latina empregada nas obras com a finalidade de determinar propriedade: "Je ne fay rien sans gayeté" (eu não faço nada sem alegria, em tradução literal). A frase eleita pelo homem, falecido no ano passado, que reuniu 38 mil títulos em sua Biblioteca Brasileira, hoje parcialmente doada à USP, demonstra a íntima relação estabelecida entre os livros e seus donos.

Doada em 1997 ao antigo Centro de Estudos Murilo Mendes (CEMM), instituição da qual se originou o atual museu, a biblioteca *Guima*, do artista plástico fluminense João Guimarães Vieira, reúne 2.841 títulos e 3.027 exemplares. Entre raros livros de arquitetura, literatura, filosofia e história, destacam-se as obras relacionadas às artes, como cinema, fotografia, pintura e desenho. As publicações referentes às técnicas artísticas descortinam os caminhos perseguidos pelo pintor, da mesma forma que obras como *Poésies*, do francês Stéphane Mallarmé, uma das mais antigas, datada de 1917, explicitam seus interesses poéticos.

Constituída em sua totalidade por obras relativas ao campo das artes, a biblioteca *Arcuri*, do engenheiro e professor Arthur Arcuri, falecido no ano passado, foi doada há 11 anos. Seus 1.297 títulos e 2.010 exemplares apresentam um intelectual preocupado com a história da arte e com as questões contemporâneas, e interessado em discutir as artes pelos mais variados vieses, da filosofia à sociologia. Agrupando importantes discussões patrimoniais do país, as revistas do IPHAN, presentes no acervo, compreendem um período que vai de 1937 a 1978.

PAIXÃO

Importante escritor mineiro do início do século XX, Gilberto de Alencar chama atenção quando observada sua biblioteca. Caprichosamente encapados em papel *craft*, todos os seus livros receberam, na lombada, as devidas descrições

car, ainda de posse da família, vi uma pré-organização emocional muito grande. Não havia técnicas de acervo, mas carinho e cuidado com o material", observa a professora Moema Mendes, pesquisadora e professora do Mestrado em Letras do Centro de Ensino Superior (CES/JF). "Os manuscritos e as correspondências também são muito interessantes e merecem ser pesquisados. Tenho incentivado meus alunos a conhecerem e estudarem os acervos do MAMM", completa.

Menor em seus títulos – 972 – mas não menos importante em suas aspirações, a biblioteca *Poliedro* se caracteriza por obras que de alguma forma se relacionam à produção muriliana. Além de um banco de teses sobre Murilo Mendes, as prateleiras oferecem raridades, como livros com a dedicatória do poeta e exemplares de *Mathilde*, de Eugène Sue, publicados em 1844 e pertencentes ao escritor Pedro Nava. "Cada biblioteca tem suas especificidades. Temos materiais de grande relevância. Observando esses livros, conseguimos traçar um perfil desses leitores, compreender um pouco mais esses intelectuais", comenta Lucilha Magalhães, responsável pelo atendimento ao pesquisador da biblioteca.

Interessante por suas marginálias e dedicatórias, o acervo de livros e documentos de Murilo é um capítulo à parte na biblioteca, que elenca cerca de três mil títulos. Do século XIX a meados do século XX, as obras estão cuidadosamente armazenadas e são capazes de expressar com clareza o universo literário do escritor, além de desenhar seu círculo intelectual através de anotações que transbordam as páginas. "A importância de doações de obras bibliográficas e documentais garante sua preservação, conservação e disseminação. Nossa proposta é tornarmos-nos um polo de referência em literatura de arquivo, valorizando a trajetória e o acervo de intelectuais locais", declara José Alberto Pinho Neves, pró-reitor de Cultura da UFJF. "Isso nos permite produzir a memória e a identidade de nossa cidade", completa.

Além dessas heranças literárias, que o *Palco* irá investigar nas próximas edições, encontram-se em processamento os acervos do jornalista Dormevilly Nóbrega, adquirido em 2010, e da escritora e professora Cleonice Rainho, incorporado este ano. Juntos, todos esses livros demonstram a riqueza cultural e intelectual de Juiz de Fora, através de leitores apaixonados.



OS ANOS 40 DE RACHEL JARDIM

Os anos 40: a Ficção e o Real de uma Época (1973)¹, livro memorialístico da escritora Rachel Jardim, que nasceu e viveu os tempos de infância em Juiz de Fora (MG), está prestes a completar 40 anos desde seu lançamento e é uma das maiores referências na obra da autora mineira. O conteúdo é o retrato dos costumes sociais de sua família e época. E como ela mesma nos revela no subtítulo: é um enlace entre a ficção, onde se acentuam os aspectos imaginativos de seu texto, e a realidade, em que presenciamos as lembranças que afloram de sua mente sobre os anos 40 vividos nas cidades de Juiz de Fora e Guaratinguetá, a Guará da sua adolescência. Logo no início, temos a noção de seu enredo: a descrição dos costumes sociais da família e da época em que estão inseridas as histórias da personagem que narra. No entanto, ao debruçarmos sobre as últimas páginas, sabemos que há algo mais por trás dessas aparentes marcas anódinas. Há a feição da personagem Rachel, que perfaz a sua vida através da de outros, desvela-se tentando encobrir-se, narrando as suas histórias na tentativa de se encontrar (ou, quem sabe, tentar achar o tumor que a consome, a vida que se esvai dela).

No início do texto, já caracteriza a sua família e, por conseguinte, a si mesma: "Um sentimento caracterizava aquela raça, para mim tão forte, tão peculiar e que marcou tanto a minha vida: a religiosidade" (p. 3). Os espíritos íntimo e religioso que a cercavam geravam a contenção, a sensualidade e a luxúria encobertas, o ascetismo, a sobriedade etc. Em sua trajetória, se sente torturada, pois se estava sempre atrás de Deus. É daí que Rachel descobre em sua tia Inaiá um balaústre, uma fonte de inspiração para fugir daquelas sensações que a perturbavam. Uma pessoa que "nunca teve religião. De Deus, simplesmente prescindia" (p. 40). Tia Inaiá era o seu elixir da cura, mas como ter a coragem dela? Não basta querer "ser", tem que ter a coragem de "ser". Dessas inquietações e das conversas com sua tia surge Jean Paul Sartre, filósofo francês, autor de *O Ser e o Nada* (1943), em que se expõe a doutrina existencialista. Rachel nos fala do filósofo e do existencialismo: "Eu, fazia treze anos. [...] Tia Inaiá foi a primeira pessoa que me falou de Sartre. Pensava que era cedo para eu lê-lo, mas quando fui morar na fazenda, ali encontrei os seus livros e li" (p. 18). Lê Sartre na adolescência,

¹ JARDIM, Rachel. *Os anos 40: a Ficção e o Real de uma Época*. 2 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

quando vai com a família para Guaratinguetá. Também o lê durante o período da faculdade, dividindo as suas questões com um amigo, Ronaldo: "Era o único que sentia angústia existencial. Por isso nos entendíamos" (p. 107).

Rachel, no entanto, vivia muito mais a *angústia da espera* do que a angústia sartreana, a da ação e da tomada de decisão. O ritmo era lento; e a vida, de espera, de inação e quietude. Esperava-se o agir dos outros para algo acontecer. Tinha-se, para Rachel, um ambiente repressor que provocava a falta de liberdade. Ela seria a única que poderia sobrepujar essa situação, mas é levada à busca pelo fantasioso, criando, desse modo, um ambiente de sonho e senso de irrealidade. Esse sentimento só é modificado quando a personagem sofre pela ausência dos mortos e, através deles, reflete sobre sua existência e se depara com uma realidade angustiante. Nesse sentido, o renascimento dos mortos e seu conseqüente convívio com eles a fazia permanecer no lugar de onde ela queria romper. Ela não só não rompia como mantinha as tradições por meio do reavivamento deles. Evitava, com isso, viver. E, quando vivia, estava sempre na sombra de um espectro, carregado de tradições, de sobriedades, de contenções e ascetismos. Quando a sensação de vida surge, Rachel não sabe o que fazer com ela, ou seja, não consegue romper, viver a sua livre escolha: "A sensação de vida vinha tão forte, que às vezes não sabia o que fazer com ela. Gritar não podia" (p. 19). Ao contrário disso, ela prefere viver à sombra dos outros, como no caso de querer "parecer ser" com Tia Inaiá: "Anos mais tarde, conheceria o autor das cartas. Ele me olhou e disse: 'Meu Deus, em que você se parece tanto com a Inaiá?' Eu sabia. Tinha começado em Juiz de Fora, no início dos anos 40" (p. 18).

Essa atitude da personagem Rachel não deixa de ser uma fuga, pois, como leitora de Sartre, ela sabia muito bem que "o homem está condenado a ser livre. Condenado porque não se criou a si próprio; e, no entanto, livre porque, uma vez lançado ao mundo, é responsável por tudo quanto fizer" (SARTRE, Jean Paul. *O existencialismo é um humanismo*. In: _____. *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p. 9). Estamos lançados no mundo para sermos o que queremos ser. Não há como querer "parecer ser" com alguém sem sair impune. Por isso, restaram apenas "os anos 70" e "os gemidos rotos da roda, reagindo à morte, numa sobrevida" (p. 115).

Darlan de Oliveira Gusmão Lula
Doutor em Literatura Comparada pela UFF.

CORAL VOZES PARA O FUTURO

São 45 anos de estrada cantando de tudo. Tantos anos de atuação continuada renderam muitas histórias para contar e uma família cheia de pessoas que já se foram e que ainda protagonizam as canções entoadas pelo grupo. O Coral da UFJF é como uma "família toda espremida, comungando a breve aura do *flash*", tomando emprestados os versos da canção *No Retrato*, de Luizinho Lopes. Apesar de fartas memórias, o Coral Universitário está de olho no futuro. Em 2011, o maestro Guilherme de Oliveira assumiu a liderança do Coral com o desafio de encarar projetos ousados, trabalhando duro com os cantores para realizá-los. A adaptação foi tranquila tanto pela recepção por parte dos cantores, quanto pela linha de trabalho que pretende seguir. "Em 2011, além de retomar um repertório já cantado anteriormente, incluímos *Trois Chanson*, de Claude Debussy, *Suíte Minas a Dentro*, de Rufo Herrera, e *Bohemya Rhapsody*, de Fred Mercury", conta o regente.

Nesta temporada, o Coral colheu os bons frutos do trabalho benfeito. As apresentações ultrapassaram as fronteiras da cidade, e as vozes que representam a UFJF se fizeram ouvir durante as comemorações do aniversário em Valença, Rio de Janeiro. A cultuada Igreja de Pedra, em São José das Três Ilhas, Minas Gerais, também recebeu o Coral da UFJF. O grupo ainda celebrou, em 2011, o aniversário de Juiz de Fora com a gravação do hino da cidade e fez apresentações no Victory. Um destaque foi o primeiro ensaio aberto, no Mezzanino, traduzindo a proposta de popularizar o estilo, trazendo maior visibilidade ao grupo. A ideia é realizar ensaios abertos em lugares alternativos, atingindo um público diversificado.

Para 2012, há planos de apresentações mensais no Museu de Arte Murilo Mendes, através do projeto *Musicamm*, e a gravação do

terceiro CD. "Penso em incluir no CD peças do repertório de coral erudito, ampliando o campo de atuação do grupo", revela o regente. O Coral também se prepara para a sétima edição do festival internacional *America Cantat*, que acontece na Colômbia em março de 2013. Laura Castro, no Coral desde 2007, acredita que a linha popular e os ensaios abertos servem para aproximar o público do canto coral e fazer com que o trabalho seja compreendido. "As tendências populares facilitam a apreciação do nosso trabalho", afirma Laura. Há 11 anos no grupo, Rhee Charles Santos acredita que o ensaio aberto é a cara do Coral, com um aspecto moderno e descolado, bem diferente dos coros convencionais.

O Coral Universitário começou na Igreja da Glória, regido por Victor Giron Vassalo, e passou pela Galeria de Arte Celina com o nome de Coral Pio XII. As vozes do grupo chamaram a atenção do reitor Moacir Teixeira de Andrade Reis, e, em 1967, o Coral passou a se chamar Coro Universitário, Coruni. Com o falecimento de Vassalo, o grupo passou a ser regido por Ana Maria Oliveira Ramos a partir de 1997. O século XXI chegou com a regência do maestro André Pires, professor do Instituto de Artes e Design da UFJF, a quem se seguiu o regente Fernando Vieira. Os dois primeiros CDs do grupo são *À Moda da Casa*, de 2002, e *Tear*, de 2004.

Rhee Charles considera que o Coral se afina com os propósitos da UFJF: "Somos um grupo heterogêneo, bem diversificado, assim como a universidade". O Coral se despede de 2011 cantando para os formandos da UFJF, no Cine-Theatro Central, durante as cerimônias de colação de grau de dezembro. Assim como para os alunos que se formam, paira sobre o Coral da UFJF a expectativa de um tempo futuro de sucesso, trabalho e realizações para o ano de 2012.

diálogos abertos

a memória cultural da cidade

Museu de Arte Murilo Mendes



DIÁLOGOS ABERTOS VERA FARIA

Uma trajetória construída de lutas sociais e políticas, nas quais evidenciou pioneirismo, competência, seriedade e idealismo. Em nove décadas de vida e em quatro de dedicação ao serviço público, de 1939 a 1976, Vera Faria consolidou-se como modelo de atuação ética e responsável, além de persistente e inquebrantável vontade política de realizar o bem para a sociedade. Primeira mulher a se tornar vereadora em Juiz de Fora e a ocupar uma secretaria municipal da Prefeitura, a Secretaria do Trabalho e do Bem-Estar Social na gestão Itamar Franco, Vera empenhou sua vida pública na realização de projetos e ações voltadas para a infância carente e a velhice desamparada. A criação do Clube dos Engraxates salvou a vida de muitos meninos, e o reconhecimento por iniciativas como essa e a da Guarda Mirim lhe renderam homenagens sinceras daqueles a quem ajudou. Em depoimento ao Diálogos Abertos, em 23 de junho de 2009, então às vésperas de seus 92 anos, Vera Faria relembrou sua história no funcionalismo público, a militância do antigo MDB, a convivência com grandes nomes da política juiz-forana, seu interesse pela arte japonesa do *batique*, entre outros momentos de uma personalidade visionária e empreendedora.

LIDERANÇA

[...] fui eleita vereadora pelo MDB, uma ocasião bastante difícil, em que ousei ser candidata, porque nunca uma mulher tinha sido eleita. Acredito que consegui porque sentia a necessidade de uma mudança em Juiz de Fora. Tive uma votação muito expressiva. Resolvi ser vereadora, me candidatar naquela ocasião, porque meu pai, Joaquim Simeão de Faria, tinha sido vereador em duas etapas, quando mais novo e, depois, já mais velho. Quando estava trabalhando, mais velho, um pouco mais cansado, eu ajudava nos trabalhos. Fui secretária executiva municipal do MDB em Juiz de Fora, desde a instalação do partido. Trabalhei muitos anos na Executiva Municipal do MDB, em que era presidente o Fernando de Paiva Mattos, um grande educador. Por esses motivos, fui indicada pelo partido. Na ocasião da eleição, eu era uma espécie de líder na Prefeitura. Então, fui indicada pelo funcionalismo da Prefeitura, e aquilo tudo fez com que ousasse ser candidata e ser eleita

RECONHECIMENTO

Um dia eu vinha do Sul e encontrei outra pessoa no Rio de Janeiro. A minha mala tinha uma etiqueta. Aí, quando desci na rodoviária, o funcionário da Útil que tirava a bagagem pegou a etiqueta e ficou lendo meu nome em voz alta: "Vera Faria, Vera Faria..." Sacudia a etiqueta assim... Cheguei nele e perguntei: "O que há com minha mala?". "A senhora é a Vera Faria?" "Sou". "A senhora é a Vera Faria?" "Sou", insisti, perguntando: "O que há com minha mala?" E ele: "Quero lhe dar um abraço. Estou muito feliz hoje por ter encontrado a senhora. Não posso deixar de lhe dar um abraço". Eu disse: "Quem é você?" – Eu, certamente, não o reconheceria, depois de 30 anos. Ele respondeu: "Pertenci à primeira turma da Guarda Mirim de Juiz de Fora, que a senhora ajudou a montar. Então, hoje tenho minha família, meu patrimônio, meu emprego e devo tudo isso à senhora, que foi minha segunda mãe. A senhora me obrigou a estudar, e venci". Ele me abraçou, e eu... chorei.



VONTADE POLÍTICA

É preciso que o Poder Público, que o município, o estado e a União elaborem programas urgentes de prevenção, inclusive com vigilância permanente aos assistidos. Queria dizer que tratar, hoje, negros, índios, pobres, velhos e a infância carente como se fossem menos capazes que nós é, no mínimo, uma grande humilhação. Se uma só de nossas tragédias atuais fosse resolvida, em grande parte estaria solucionada a maioria dos nossos problemas.

MULHERES

Saibam vocês que, no colégio eleitoral de Juiz de Fora, a maioria é de mulheres. A Câmara tem participação mínima de mulher. Até hoje houve só nove vereadoras. As mulheres têm que participar. Que elas trabalhem com amor, com carinho, com vontade para que possamos erradicar todos os males da nossa sociedade. Que isso aconteça, pois o fazer pertence a todos.

ARTES PLÁSTICAS

Sempre gostei de pintura e desenho. Lembro-me de um professor, na Escola Normal, pedindo para ficar com um desenho meu. Ele me deu dez com louvor. Sempre gostei de pintura, mas tinha pouco tempo disponível em função dos trabalhos no Legislativo e no Executivo. Apesar disso, estudei em cursos de Juiz de Fora e, por várias vezes, dei cursos fora daqui, em Itatiaia. Inicialmente, era autodidata, mas, quando mudei para o Rio de Janeiro, tive a oportunidade de fazer cursos de cerâmica, cor, desenho, serigrafia, *batique*. Depois apareceu uma vaga no Brasil-Japão, onde queria fazer *batique*, hoje minha especialidade, uma técnica japonesa em que se trabalha com cera. Quando fui ao Japão, visitei várias pessoas que trabalhavam com isso. Fiquei encantada e procurei difundir a técnica. Agora, isso é uma coisa que é nata em mim.

TRABALHO

Sempre trabalhei muito, por ideal. A Câmara, por exemplo, trabalha hoje em um horário moderado. Na nossa época, trabalhávamos de segunda a sexta, a partir das 19 horas, sem prazo para terminar. Uma vez, quando saí da Câmara, a Isabel Penna estava na contabilidade com a janela aberta. Eram cinco horas da manhã. Parei o carro, fui até a janela e perguntei: "O que está fazendo aqui?" Ela respondeu: "Estou perdida aqui porque o orçamento deu uma diferença de um centavo". Falei: "Eu te dou um centavo e vamos embora para casa". "Não, não posso, tenho que fechar este orçamento". Aí, entrei, ficamos trabalhando até seis e meia, mais ou menos, para depois ir embora para casa. Isso, para achar o erro que ela estava procurando. Quer dizer, hoje isso não acontece, porque hoje tem computador, é tudo controlado, tem uma outra tecnologia. Naquela ocasião, o negócio não era fácil, não, era difícil.

IDEAL

Eu trabalhava por ideal; então, acho que foi isso que me deu esta energia. Queria realizar, queria que as coisas que viessem da Administração fossem executadas, e tive a sorte de encontrar pessoas como Itamar Franco e outros prefeitos, a quem servi, que queriam realizar também. Tive esta sorte.

ATELIÊ REDUTO DA PARREIRAS

Homenagear a Sociedade de Belas Artes Antônio Parreiras (SBAAP) é, em parte, homenagear a própria história das artes plásticas em Juiz de Fora. A grande maioria dos artistas de destaque local iniciou seus trabalhos no ateliê da Parreiras, e a consciência da importância desta instituição para as gerações seguintes de pintores fez com que ela fosse o segundo destaque do espaço *Lugar de Honra* – galeria do Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM), inaugurado em setembro deste ano e dedicado aos responsáveis pelo êxito cultural da cidade.

Ao eleger as figuras de Sílvio Aragão e Heitor de Alencar para a homenagem à Parreiras, o MAMM estende o reconhecimento a todos os artistas, alunos e professores que fizeram parte de sua história, iniciada em 1922 com a criação do Núcleo Hipólito Caron – fundado por César Turatti como um curso livre de desenho, pintura e escultura. Posteriormente, em 1934, o Núcleo Antônio Parreiras surgiu em substituição ao primeiro, liderado, a partir de então, pelos alunos de Turatti: Carlos Gonçalves e Américo Rodrigues.

O nome da entidade é uma homenagem ao pintor fluminense Antônio Parreiras, que documentou a passagem dos inconfindentes pela região de Juiz de Fora a pedido do então presidente da Câmara, Luiz Barbosa Gonçalves. Para muito além de sua sede, os artistas que integravam o Núcleo se reuniam em bares e cafés para troca de ideias e opiniões sobre a pintura que praticavam, inclusive ao ar livre. Em 1941, o Núcleo estava praticamente desativado, mas, por sugestão de Aníbal Mattos, influente pintor radicado em Belo Horizonte, a instituição foi regulamentada juridicamente, passando a ser denominada Sociedade de Belas Artes Antônio Parreiras, dando continuidade aos seus trabalhos.

Congregar os artistas locais e difundir as artes plásticas estavam entre os princípios da Parreiras, que buscava a troca de experiências e inserção dos artistas na comunidade. De acordo com Lucas Marques do Amaral, autor do livro *A Parreiras e seus artistas*, a Juiz de Fora daquela época não tinha mercado para a produção artística e era desprovida de galerias de arte. “Na falta de espaços próprios para tais eventos, salas e lojas, cedidas por empréstimo, eram improvisadas para abrigar os salões”, afirma, lembrando que os proprietários recebiam obras dos próprios expositores como forma de agradecimento.

Ilustrando os painéis de *Lugar de Honra* como referências à instituição, estarão duas obras: *Beco da Parreiras*, de Décio Bracher – aluno de Edson Motta entre os anos de 1943 e 1945 –, e *Ateliê da Parreiras*, de Clério Pereira de Souza, o Pimpinela, que entrou na SBAAP por influência do próprio Sílvio Aragão. Este óleo sobre tela de Clério compunha o acervo de Dormevilly Nóbrega, doado recentemente ao MAMM, e será exposto pela primeira vez em uma mostra do museu.

HOMENAGENS

A trajetória de Sílvio Aragão e Heitor de Alencar concedeu a estes artistas um lugar especial na exposição sobre a Parreiras. A segunda edição de *Lugar de Honra* estende-se à Galeria Poliedro, que cede seu espaço para homenagear tão representativos pintores de Juiz de Fora: obras de ambos completam a mostra em honra aos artistas que passaram pela Parreiras e criam uma retrospectiva da Sociedade.

“Quería ser Heitor de Alencar”, sentenciou, certa vez, Dnar Rocha – aluno da Parreiras –, com quem o artista teve um convívio estreito. Heitor foi aprendiz do pintor italiano Angelo Bigi e participou da execução de importantes obras decorativas na cidade, destacando-se, também, como cenógrafo e carnavalesco. Ainda segundo Dnar, “é um pintor que ajudou a determinar os rumos da pintura em Juiz de Fora”. A relação do artista com o MAMM ainda se estreita com a doação, em 2010, das bibliotecas de seu pai, Gilberto de Alencar, e de sua irmã, Cosette de Alencar, para o acervo do museu.

Também mineiro, Sílvio Aragão começou sua carreira quando ingressou no Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro, mas já em 1934 compunha o cenário artístico de Juiz de Fora, onde participou da fundação do Núcleo Antônio Parreiras. Em 1941, foi personagem fundamental na reestruturação da instituição, atuando como professor, artista e administrador da recém-criada Sociedade de Belas Artes Antônio Parreiras. De acordo com Lucas do Amaral, Sílvio atuou como restaurador do Museu Mariano Procópio e foi considerado um dos pintores de telas mais profícuos de sua geração, realizando inúmeras exposições individuais em nossa cidade.

LEGADO

O termo “hegemonia” foi escolhido por Lucas do Amaral para caracterizar os anos compreendidos entre 1950 e 1963, quando a SBAAP contribuiu de maneira singular para o panorama das artes plásticas da cidade. Sílvio e Heitor eram parte do repertório artístico de que a Parreiras gozava, além de ministrarem aulas e administrarem o espaço cultural. “O Aragão era uma pessoa singela, sem grandes instruções, um professor nato. Tinha o dom e o prazer de ensinar”, lembra-se Décio Bracher, que começou a frequentar a Parreiras ainda aos 11 anos, em 1943.

Neste ambiente propício à arte, inúmeros artistas se destacaram ao longo dos anos, reunindo alunos e professores num reduto no qual a convivência era de grande confraternização, com nomes como Clério Pereira de Souza, Dnar Rocha e Roberto Vieira. Décio recorda com carinho dos companheiros que encontrava diariamente no Beco da Parreiras, que dava entrada ao ateliê próximo ao Parque Halfeld. “Nós não tínhamos professores, tínhamos colegas de profissão. Estávamos – Nivea, Carlos e eu – todos os dias na Parreiras: era nossa segunda casa.”

Além dos Bracher, Renato Stehling e Wandyr Ramos também compartilharam do altruísmo que envolvia a SBAAP. O bom gosto da pintura mais séria de Heitor de Alencar serviu como legado para os novos alunos, como Roberto Gil, que dispunha de uma pintura baseada em negros, com tons mais densos. O espaço era, enfim, aglutinador de jovens de talento que ali iniciaram suas carreiras e constituíram um grupo que marcou as artes plásticas de Juiz de Fora e que não deixou a obra se perder.

GM





Fotografia: Ramon Brandão

MEMÓRIA: O TEMPO E A ESTAÇÃO

A Praça Doutor João Penido, situada no começo das ruas Halfeld e Marechal Deodoro, e bem ao lado da Avenida Francisco Bernardino, compõe o centro histórico de Juiz de Fora. Muitas foram as transformações pelas quais a Praça da Estação passou ao longo do tempo. Hoje, o lugar provoca a memória, e a arquitetura força a lembrança da época em que o trem levava e trazia as novidades.

No final do século XIX, a estação de trem sequer poderia ser considerada uma estação, mas sim um estribo, uma plataforma elevada para embarque e desembarque de passageiros e mercadorias. Os viajantes que por ali passavam tinham como destino, principalmente, o Rio de Janeiro ou Belo Horizonte. Os juiz-foranos usavam o trem para transportar mercadorias e também para viajar.

Ainda no final do século XIX, a Câmara Municipal se mobilizou para que o largo da estação fosse ajardinado. A partir daí, o lugar começou a tomar forma de estação e a ganhar uma praça de fato. Construído em frente à estação de trem em 1887, o Grande Hotel Renascença hospedou personalidades com o Getúlio Vargas e Pelé. Fazer com que o lugar permaneça em atividade é a principal preocupação de Elizeu Pereira do Vale, proprietário do hotel. "Eventos, cursos e shows. É desta forma que o Grande Hotel Renascença mantém este espaço vivo, resgatando os tempos áureos da região", explica.

Com 3.760m², a Praça da Estação tem um entorno de edifícios cujas fachadas permitem observar o retrato de épocas passadas. O século XX chegou com as construções imponentes que contornam a estação de trem. O Príncipe Hotel, o prédio da Associação Comercial, a Padaria Glória, entre outros edifícios que delimitam o espaço da praça, apresentam um ecletismo arquitetônico que salta aos olhos. A predominância do neoclássico e do *art-nouveau* não suprime a diversidade de estilos que traduzem a importância da região até meados do século XX. Artista e professor da Faculdade de Arquitetura da UFJF, Jorge Arbach afirma que tentar enquadrar as construções presentes na Praça da Estação seria um

processo contrário às necessidades de Juiz de Fora. Em sua opinião, a cidade, como conjunto arquitetônico, comporta um número imenso de estilos presentes num só lugar, como no caso da Praça da Estação. "A arquitetura em Juiz de Fora é muito rica, efervescente. É preciso abarcar todos os estilos presentes nas construções daqui, vizinhas umas das outras", considera.

EFERVESCÊNCIA

Cenário do maior comício da história política da cidade, os juiz-foranos se reuniram na Praça da Estação em defesa das *Diretas Já!* em 1984. Tancredo Neves, Itamar Franco, Gonzaguinha, Noca da Portela e Fernando Brant, entre outras figuras políticas e artistas importantes, estiveram no palanque montado na Praça. Ainda hoje, o local recebe constantemente shows, manifestações culturais, políticas e religiosas.

Apesar das mudanças urbanas e da agitação da vida contemporânea, a presença de alguns bancos torna a praça acolhedora, ao convidar para um descanso embaixo das copas acolhedoras das árvores. Comércio e serviços contribuem para a vitalidade da praça, com o andar térreo das antigas construções ocupado por lojas de roupas, farmácia, padaria e mercados de hortaliças.

Testemunha da passagem do tempo, o relógio da Estação marca as horas, nem sempre com precisão. "Às vezes, o sol está a pino, e o relógio ainda mostra oito ou nove horas", conta o pedreiro Geraldo Ribeiro Garcia, que espera por seu ônibus todos os dias no local. Diante desse relógio que viu tanta coisa acontecer, que observa todos os dias as colunas cheias de história e vê tanta gente passar, há de se compreender que se atrase às vezes, de propósito, com saudade do tempo que já se foi.

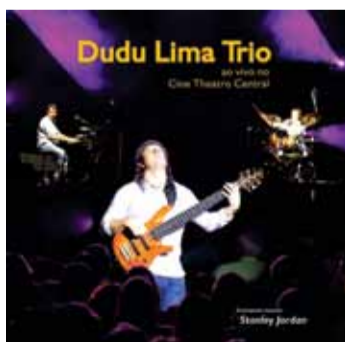
BR

CENTRAL CENÁRIO DE CINEMA

Um dos maiores trabalhos do pintor italiano radicado no Brasil Ângelo Bigi foi a ornamentação do interior do Cine-Theatro Central. As cenas de ninfas e faunos em jardins românticos, a Arcádia mitológica e as efígies de Wagner, Verdi, Beethoven e Carlos Gomes, grandes mestres da música, produzem um belo cenário. Além disso, os 12 metros de boca de cena e os 12 de profundidade, aliados aos mais de nove metros de altura, conferem a grandiosidade necessária aos grandes espetáculos. Almejado por artistas locais e nacionais, o Central tem sido palco nos últimos anos de diversos registros em DVD. O mais recente foi a gravação da banda Rama Ruana.

Para o show, contemplado pelo Projeto Sérgio Lessa da Pró-reitoria de Cultura da Universidade Federal de Juiz de Fora, e realizado em 30 de novembro, duas árvores de cerca de quatro metros de altura e compostas de material reciclado somaram-se às pinturas de Bigi. As imagens, que perpassam o contemporâneo e o clássico, supostamente se repelem, mas, nas cenas do DVD gravado pela banda, ganham uma dimensão que ultrapassa os conceitos de estilo. "O cenário do show e as pinturas do Central dialogaram perfeitamente", alegrou-se o guitarrista Bruno Tardio, exultante com o resultado alcançado.

Distribuído nacionalmente, o disco que contém a gravação em vídeo do espetáculo *Ser Minas tão Gerais*, com a Companhia de Teatro Ponto de Partida e Os Meninos de Araçuai, além da participação especial de Milton Nascimento, é um dos mais conhecidos produtos no qual o Central aparece como cenário. "Filmar um espetáculo de teatro é uma tarefa, por si só, perigosa. A força do teatro vem do "tête-à-tête, da resposta imediata do público", explica Felipe Saleme, integrante do grupo Ponto de Partida. Saleme revela que um dos fa-



tores mais importantes para a escolha do espaço da gravação foi a familiaridade com o público e com o palco, além do tempo oferecido para o exercício complexo da captura de imagens. "Há muitos anos o Central é nosso ponto de chegada a Juiz de Fora e, para a gravação do DVD, foi fundamental essa parceria que se firmou entre o Grupo e o teatro", destaca.

UMA SINGELA CONTRIBUIÇÃO

Gravados em dezembro de 2009, quando o teatro inaugurava sua iluminação natalina, o CD, o DVD e o vinil do músico juiz-forano Dudu Lima chegam às lojas este mês. Sob o título *Dudu Lima Trio ao vivo no Cine-Theatro Central*, o trabalho foi produzido por Dudu Lima, contrabaixo acústico e elétrico; Ricardo Itaborahy, piano e escaleta; e Leandro Scio, bateria, com as participações especiais do guitarrista Stanley Jordan, do baterista Ivan Conti e do tecladista Dudu Viana. "Escolhi o Central pelo que ele representa para a nossa cultura e pelo que representa em minha vida musical. Foi um grande prazer pisar, novamente, aquele palco", declara o contrabaixista.

A contracapa do vinil e o encarte do DVD trazem grandes imagens do teatro, que, segundo o músico, abrilhantou a cena e produziu excelência acústica na captação do áudio. Lançado em turnê nacional, o show que apresenta o novo trabalho já rodou grandes capitais, como São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador, o que permite inferir a ampla difusão da imagem e a potência do espaço de gravação. "O Central é um templo da música em nossa cidade, e fazer esse trabalho lá foi uma forma singela de contribuir com esse espaço", emociona-se Dudu.

MM

AGENDA

CINE-THEATRO CENTRAL
Praça João Pessoa, s/nº.
(32) 3215-1400
www.theatrocentral.ufjf.br

10 e 11.12, 20h30 e 19h30
Corpus Núcleo de Dança
17.12, 20h Ballet e Jazz
IraCris
18.12, 19h30 Ballet
19 e 20.12, 20h Ballet
Expressão e Movimento
23.12, 20h Quarteto de
Violões – Projeto Sérgio Lessa
25.12, 21h30 Beatles Forever

MAMM
MUSEU DE ARTE
MURILO MENDES
Rua Benjamin Constant, 790
(32) 3229-9070
www.ufjf.br/mamm
Terça a sexta: 10h às 18h
Sábados e domingos: 13h às 18h

EXPOSIÇÕES

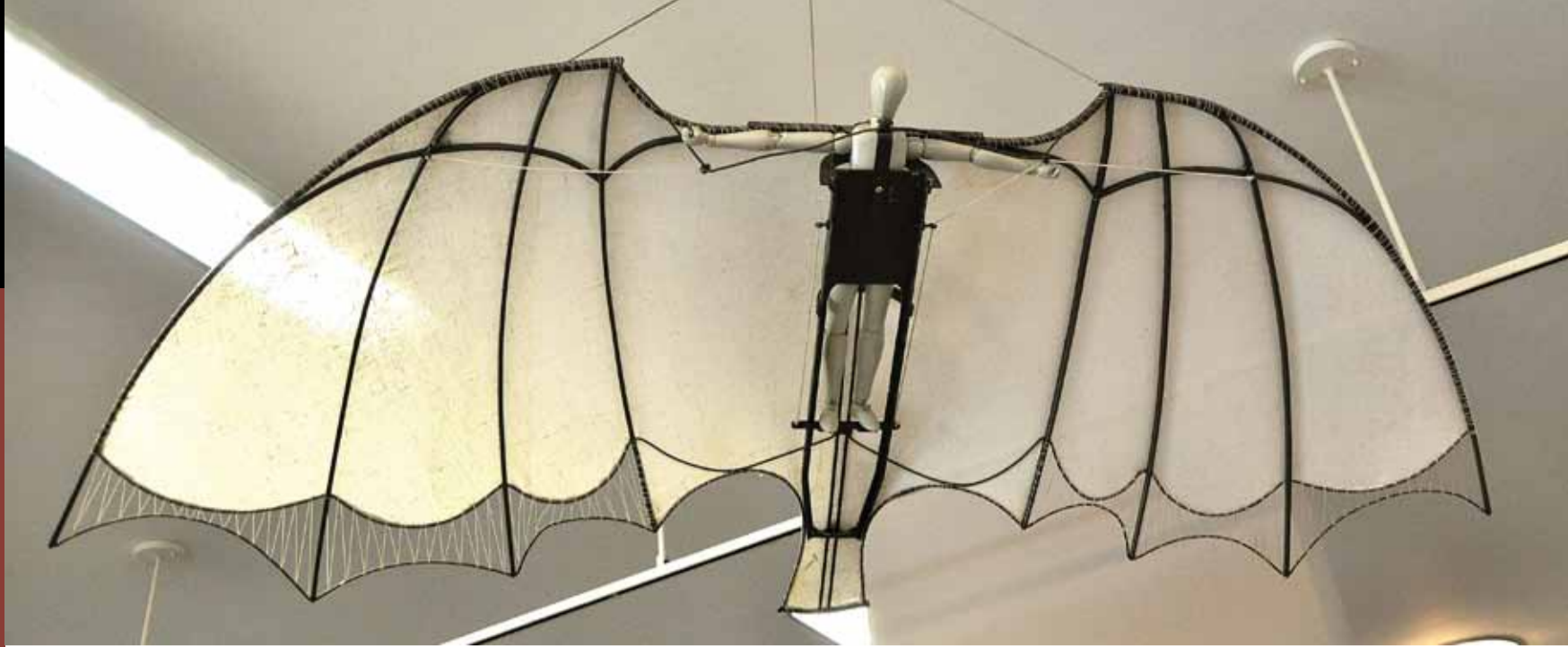
Murilo Mendes, poeta
peregrino na Itália
Galeria Convergência

Leonardo Da Vinci, maravilhas
mecânicas
Galeria Retratos-relâmpago

Sociedade de Belas Artes
Antônio Parreiras
Espaço Lugar de Honra e
Galeria Poliedro

LEITURAS TEMÁTICAS

01.12, 19h Lançamento dos
livros *À margem do caminho
novo* e *Vivendo a história*,
de Mônica Oliveira e Cláudia
Viscardi (orgs.)
09.12, 19h Lançamento do
livro *Um punhado de sonhos*,
de Alcânio César



DA VINCI A CRIAÇÃO ALÉM DO PICTÓRICO

Durante o Renascimento, período que finaliza a Idade Média e inicia a Idade Moderna, a palavra revolução fez sentido em diversas áreas do conhecimento. Tomando o termo como referente a uma mudança sensível de qualquer natureza, e reunindo-o à acepção do verbo renascer, tem-se a imagem de um dos mais prósperos períodos da história italiana. Nascido em Florença nesse contexto, 1452, Leonardo da Vinci foi além: exerceu mudanças sensíveis nas artes e revolucionou áreas do saber como matemática, química, botânica e engenharia. Em *Leonardo da Vinci – Maravilhas Mecânicas*, que o Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM) apresenta até janeiro de 2012, a outra faceta do autor da Mona Lisa confirma o pioneirismo e a genialidade do artista.

A mostra reúne dez modelos de peças mecânicas, construídas pelo engenheiro italiano Roberto Guatelli com base nos projetos de Da Vinci, e contempla os quatro elementos da natureza: terra, água, fogo e ar. Os trabalhos, objetivos em suas intenções e sólidos em suas constituições, dialogam perfeitamente com o universo artístico das paletas do pintor. Um olhar atento sobre *Dama com Arminho*, o retrato de Cecília Gallerani, presente no Museu Czartoryski, confirma a atenção do pintor às formas humanas, bem como à natureza, milimetricamente retratada em suas obras. Pertencente à Coleção Real Britânica, no Castelo de Windsor, o estudo de um cavalo, desenhado em seu diário, revela a afeição de Leonardo pelas ideias humanistas, que novamente ganhavam destaque, norteadas pelas mudanças projetadas pelo Renascimento.

Célebre pelas belas pinturas cristãs, como *A Anunciação* e *A Última Ceia*, e reconhecido pela discrição ao abordar a vida pessoal, o artista deixou um legado múltiplo e complexo, cujos meandros desenhavam uma História, com H maiúsculo. "*Maravilhas Mecânicas* também aponta para a importância da Itália, que soma contribuições nas mais variadas áreas", declara o pró-reitor de Cultura da Universidade Federal de Juiz de Fora, José Alberto Pinho Neves, destacando o país como eixo das exposições que o MAMM apresenta no momento. Segundo Pinho Neves, *Maravilhas Mecânicas* também confirma o compromisso com a arte-educação no museu. "Essa mostra contempla a genialidade de um dos mais importantes nomes das artes, e isso desperta o interesse dos mais diversos públicos. Desejamos ser um espaço atrativo, que permita variadas reflexões", completa.

VARIANTES DE UMA ARTE ABSOLUTA

Composto de madeira e ferro, o modelo do navio de pás giratórias revela um esquema mecânico em que o girar dos grandes remos arrasta o navio em seu trajeto. Em outra peça, a aerodinâmica de um casco fusiforme serve ao equilíbrio das embarcações. Montada sobre um rio cenográfico, outra estrutura chama atenção ao esquematizar longas cordas que volteiam um mastro dos dois lados, auxiliando o giro da ponte projetada por Da Vinci. Ainda integram a mostra os modelos do anemômetro, do tanque militar, do estudo

de engrenagens, do transmissor de velocidade variável, do carro automotor, do macaco e do ornitóptero.

O projeto que dá asas ao homem, de forma literal, foi criado em 1452 e reproduz um aparelho que seria acoplado ao corpo humano, perseguindo a possibilidade do voo. O ornitóptero de Leonardo é um claro exemplar da observação insistente do artista diante dos pássaros. "Da Vinci nasceu num momento bastante propício; muitas outras pessoas trabalhavam em projetos de diversas áreas. Ele é precursor e único, por ter contemplado um número muito grande de áreas de conhecimento", avalia o responsável pela exposição, Antônio Carlos Martins, do Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), parceiro na mostra.

Caracterizado por intensa transversalidade, em que diferentes elementos dialogam entre si, o legado de Leonardo revela traços do que viria a ser a arte no fim do século XX e início do XXI. De acordo com a artista e professora do Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora (IAD/UFJF) Priscilla de Paula, a produção de Da Vinci, incluindo pinturas, esculturas, projetos, invenções e demais trabalhos, compõe uma grande obra artística. "A arte contemporânea, diferentemente da modernidade, assumiu um papel multimídia. Hoje, é possível que o artista trabalhe com qualquer coisa, desde que embase aquilo artisticamente", explica Priscilla. "O que me impressiona no Leonardo da Vinci é que, em sua atuação, é como se ele tivesse sido o primeiro artista contemporâneo", enfatiza.

Crítico de arte e estudioso de prolífica produção, Arthur Danto destrincha em sua obra *Após o fim da arte: a arte contemporânea e os limites da história* os novos caminhos trilhados por uma geração de artistas que, sem abrir mão do legado criativo dos últimos séculos, estabeleceu outras possibilidades no ideário dos ateliês, rompendo com o pictórico e assumindo campos antes improváveis, como a matemática e a biologia. "O que quer que seja a arte, ela já não é basicamente algo para ser visto", defende o autor. Em seu *Trattato della pittura*, Da Vinci antecipa as palavras de Danto, formulando o artista ideal: "Não é um grande feito, estudando uma única coisa durante toda a sua vida, alcançar alguma perfeição". Sendo assim, à atualidade das maravilhas projetadas pelo artista resplandece a contemporaneidade de um homem e de um artista.

MM

